

## O DESEMBARQUE DO POEMA

UMAS não sabem a que vieram. Outras procuram o apoio de uma frase familiar após o celibato no silêncio. Erguem-se outras em curtos vôos de ensaio na transparência do espaço.

Cada palavra não diz logo o que pode, mas espera. Espera o momento. Suspeitam, tôdas, que vieram para alguma coisa, mas falta ainda o plano. Esta vive da memória de algum poema do qual se desgarrou; aquela parece virgem de qualquer aventura e tem pressa de servir.

Vão adejando na claridade... Distribuem-se em desordem pelo espaço mental. Algumas pousam na pedra do cais e — objetos usados — ali se deixam ficar ao sol.

Olham-se. Olham para a paisagem. As que andavam juntas retomam sua autonomia, não mais voltarão a reunir-se à criação desfeita.

Se tentam agarrá-las para nova vida comum, esquivam-se, prometidas a próximas alquimias.

Estão sôltas, em férias. Nada significam ainda. E enquanto esperam ser chamadas ao silêncio do poema, adejam livres na

luz de limbo, anteriores ao mistério que ainda vão gerar.



## O VERBO NO INFINITO

OLHAR bem para as coisas que de repente deixaremos de ver para sempre.



No curso regular da frase pode uma palavra, uma imagem ou um movimento imprevisto assumir a fôrça de uma aparição e iluminar súbitamente tôda a estrutura verbal. O que era neutro e opaco passa então a irradiar. Como se as palavras esperassem a privilegiada, portadora do elemento mágico que leva a tôdas a transfiguração da poesia.



SE ...

SE, dispostos a ouvir de mais perto o rumor da alma de cada um, nos debruçamos demoradamente sôbre a vida do homem tal como ela tem sido em nossos dias — chegaremos à convicção de que a quase totalidade das criaturas, mesmo as que parecem proclamar sua felicidade e gritar sua alegria, é secretamente desesperada e incapaz de estar à altura da vida.



O GRANDE SOFISMA

RIEM-SE os velhos das ilusões da mocidade. Riem-se os moços do riso dos velhos.



### O VERBO NO INFINITO

NADA perder. Não se perder em nada. Mergulho, mas não residência no âmago das coisas. Tal o nadador que se deixa levar pelas águas: com a certeza de que pode vir à tona retomar respiração e repetir a aventura.



### O VERBO NO INFINITO

PARTIR para a dimensão universal, mas levando no bico ou nas patas o grão de terra com que alimentar o vôo.

### AMOR "PELO RUMO"

TAL como aquêlê padre do Norte que casava de longe "pelo rumo", como êle dizia, porque a distância e a urgência dos amantes não lhe permitiam chegar a tempo — eu me volto neste momento para a tua direção, e te dou por abraçada, até que o encontro real de nossos lábios junte num êxtase indivisível os nossos frêmitos separados.



Todos os navios em todos os mares mal conseguem sustentar o pêso da noite que cai sôbre as águas.



No alto da vida é que se nos tornam visíveis as coisas mais antigas e obscuras do mundo.

Tempo da chamada geral, da grande verificação.

Daí por diante, começa o processo da fusão com os seres e as coisas, a aquiescência ao Universal.

#### A DIREÇÃO DO VENTO

VAIAS, assaltos e injustiças ao longo de teu caminho — pólo do amor! E muita amargura. E o quase desespêro. Entretanto, por mais flagelados que sejamos, é sempre para o teu lado que insistem os movimentos fundamentais do nosso ser.

#### O DIREITO AO DIA SEGUINTE

*Se durante o repouso de cada noite não se erguer a barragem contra a véspera infeliz, é porque o sono foi defeituoso.*

*A noite profundamente dormida re-inocenta as criaturas e corta-lhes a ponte com o passado imediato.*

*Neguemos às imagens molestas de ontem o privilégio de serem as primeiras a nos assaltar pela madrugada. É uma usurpação ao nosso direito de esquecer.*

#### EM CIMA DA HORA

VIDA, que boa peça me pregaste!

Agora que a Morte já anda pastando pelas imediações, é que chegas com os primeiros presentes.

Ó atrasada risonha, traze de uma vez o resto. E afasta a Indesejável.

*CALMOS gigantes de jacarandá substituídos por pigmeus de matéria plástica, frenéticos — ó bomba atômica!*

### OS PERSONAGENS

Vi aquela orgulhosa e esplêndida criatura súbitamente emurchecida pela traição do amado. Seu mal foi ter assumido contra si mesma o desprezo do infiel a quem acompanhava em tudo.

Quer agora ser verme, quer ser santa, vento, cisco, pedra... quer morrer... não sabe bem o que quer.

O sol não mais aquece o mel de seus olhos. E ela se rasga tôda com as unhas, até se deter, assustada, ante o sangue que lhe mina do corpo, terra provisória de ninguém...

### REZA DE MALANDRO

*“EU queria que Deus me desse férias  
Ao menos uma vez por semana  
Que não se preocupasse comigo  
Pois se esquecendo de mim  
Ao menos uma vez por semana  
Eu fico fora do seu olho grande  
E posso ter por exemplo  
Os meus sábados  
Só para bobagens  
Não contra Êle que jamais  
Consentirei seja ofendido  
Mas pra eu fazer minhas tolices  
Cá a meu modo  
Ao menos uma vez por semana  
Sem que Êle precise saber ou tomar nota  
Pois são tão fúteis  
Tão bôbas  
Tão bôbas mesmo  
Que só de pensar que Deus toma nota  
Perco até o gôsto”...*

Não se morre mais nos edifícios de apartamentos: *deixa-se de aparecer.*

O tipo clássico de morte com o seu rito religioso e familiar — soluços, flôres, roupa preta e reza — vai perdendo as características fúnebres e se reduzindo a frias providências administrativas. O morador anônimo de arranha-céu começa a ser dado como morto quando não se lhe ouvem mais os passos pelos corredores e a sua figura deixa de ser comprimida na cabine do elevador.

Excetuando-se naturalmente o caso de êle se ter atirado do último andar, ou fugido com a cantora de rádio pela porta de serviço...

*QUALQUER frase de revolta na parede de uma prisão é um dissolvente de suas pedras.*

## O HOMEM INACABADO

A metade que parecia dêle ficou a esperar a outra, que se forjava na cidade dividida.

Não conseguia juntá-las.

E se julgava sem culpa: crescera como planta num cruzamento perigoso: o de sombras e fantasmas que desciam da alta solidão com as correntes contraditórias que sopravam da vida.

## O CAVALO DA MADRUGADA

*Lá fora o cavalo de cinza espera impaciente debaixo das árvores.*

*Cá dentro, vou roendo as barras de ferro, serrando a madeira.*

*Ó milímetro de azul, luneta do espaço ocluso — já vi a nobre cabeça emplumada ao vento!*

*Vi a garupa veloz que a bruma velava.*

*Serra, minha serrinha,*

*Serra, serra em surdina*

*Que o guarda está dormindo*

*E o cavalo esperando.*

*Amor lá fora me chama e pela fresta  
me fala.*

*Corre, sangue,*

*Corre mais fluido*

*Segundo a música do azul e o canto*

*Do espaço prometido.*

*Paro e respiro*

*E vou serrando sem cessar, cortando*

*Quebrando e me soltando*

*Do polipeiro anterior,*

*Cripta de pássaros e borboletas*

*calcificadas.*

*Ó crinas ao sol da madrugada*

*Cavalo aceso para a partida!*



SALVAR-SE da libertinagem intelectual  
ainda a tempo de preservar uns restos de  
simplicidade e pureza. Enxertá-los no com-  
prometido tronco e ajudá-los a brotar e cres-  
cer, ao sol da consciência lúcida.

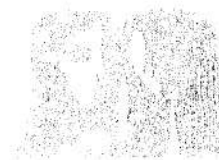
## ARMISTÍCIO

“ORDEM de cessar o fogo. Recolham-se  
os feridos. Transformem-se as carabinas em  
bengala branca de cego. Aos mutilados, co-  
mo prêmio, seja concedido o direito de pedir  
esmolas.”



## SESSENTA ANOS

No que deu a brincadeira!



## A VELHICE DE DON JUAN

— QUE vais fazer agora de teu corpo  
encarquilhado?

— O meu arquivo!



## DISCURSO PATÉTICO A UM HOMEM QUE ENVELHECE

TOMAS do calendário e verificas a idade.

Alguns fios de cabelo a menos pouco importam. E um dente pode ser trocado.

Mas, e essas descidas freqüentes em ti mesmo, êsse avizinhar-se de zonas frias, essa aborrecida direção aos ossos?...

Outrora matavas o tempo, agora o tempo te mata.

Já te estão chamando à Confederação dos Tranqüilos. Lá gozarás o triste direito de recordar.

Tu te negas porém à imitação das ruínas.

Morreram-te irmãos e companheiros. Tua solidão já está sem margens onde apor-tares. Mas ainda tens fome de amor. Só que a môça desejada não vem mais...

E como é frio sem ela o banho no rio!

Ó perempção da carne, porta de ascese! — exclamas. Donde a cruel metamorfose? Do mundo ou dos testículos?

Homem, não te preocupes com o sono do caranguejo: cada vez que à tua janela brilha o sol, uma paisagem se inaugura para os outros; cada vez que nasce uma criança em

teu quartirão, um tempo novo começa a correr para alguém.

*A bebedeira é um estado pessoal e ineficaz de insurreição.*

ODIOSA medida a do psiquiatra de plantão aquela noite, mandando interromper com um choque elétrico a vibrante manifestação que a si mesmo se fazia o antigo internado, no momento em que reingressava no pavilhão (— Viva eu! Viva eu! Vivooô!)

Trocar por algumas semanas de duvidosa razão aquêlo momento de estupenda euforia!